

Saramago, as letras e a opinião pública - Número 24 - 08/2011

Único escritor lusófono a receber um Prêmio Nobel de Literatura, Saramago foi um dos grandes nomes das letras portuguesas, mas sua celebridade esteve sempre envolta em polêmica. Jamais foi uma unanimidade, o que não é mau. Pois, uma vez que toda unanimidade é burra, como dizia Nelson Rodrigues, a falta dela representa uma vantagem do debate público português. A morte de Saramago, ocorrida há um ano, foi cercada de pompa, circunstância e polêmica; foi, nesse sentido, fiel a sua vida. Militante comunista, intelectual franco e crítico da sociedade portuguesa, ateu inveterado, Saramago acumulou pertencas controversas que justificam certos desentendimentos e a coleção de desafetos.

À época do velório, Cavaco Silva, atual presidente de Portugal, leal a suas convicções pessoais, recusou-se a comparecer ao sepultamento, conflagrando grande debate público acerca das atitudes apropriadas à dignidade da função presidencial em situações de grande importância nacional. As desavenças entre Cavaco Silva, um político conservador, e Saramago remontam a um ato censório de que foi objeto O Evangelho segundo Jesus Cristo (1991) por parte de Sousa Lara, subsecretário de Estado da Cultura em 1992, durante governo de Cavaco Silva. Por esse motivo, o livro não concorreu ao Prêmio Literário Europeu. Em 1993, já casado com a jornalista espanhola Pilar del Río, Saramago fixou residência em Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Saramago aproximou-se da Espanha, que lhe retribuiu o gesto com gratidão. Adotou-o como se fosse um autor espanhol e celebrou-o ao mais alto nível, inclusive quando de sua morte. O intelectual

A decisão de Cavaco Silva de não prestar as derradeiras homenagens a Saramago nos concerne apenas num sentido: ela explicita poderosas divergências ideológicas, morais e partidárias, que atravessam a posição de Saramago junto à cena pública portuguesa. E mais. A animosidade de Cavaco Silva é também índice de uma peculiaridade das letras portuguesas contemporâneas com relação às brasileiras: a inseparabilidade entre a discussão literária e o debate dos grandes temas nacionais.

Desse modo, é possível perceber que, ainda que a literatura brasileira seja vigorosa e tenha sido ainda mais pujante no passado, ela jamais pôde contar com uma massa expressiva de leitores. É este desencontro fundamental que constitui uma situação literária diferenciada, e não a quimérica baixa qualidade da produção brasileira. De um país que não pode identificar sua literatura, porque o letramento é ainda baixo, não se pode esperar que seus literatos contribuam intensamente para o debate público. A obra de Saramago enfrentou grandes temas nacionais, chispou e crispou alguns, encantou outros, mas, de qualquer modo, fez da atividade literária um espaço de reflexão pública. Uma vez que lhe fora franqueada a via da intervenção pública, sustentada pela tradição portuguesa de debate público, Saramago aproveitou a oportunidade, a ocasião. Valeu-se desta vocação das letras

portuguesas para colocar-se, nesse sentido, ao lado de Eça de Queirós e de Fernando Pessoa.

Com Saramago, insinua-se a imagem do intelectual público, da sua condição crítica e independente, que, apesar da tentação, não pode ser explicada a partir de um ponto de vista moralista. Não se trata de acusar o intelectual médio de mansidão, mas de pensar as condições do desenvolvimento de uma literatura vigorosa, capaz de contribuir para o debate público, capaz de criar intelectuais. Certamente a longa militância política, seguida pela experiência jornalística, conferiu a Saramago experiências importantes. Saramago chegou a ser diretor-adjunto do Diário de Notícias, em 1975, logo após a Revolução dos Cravos, o que lhe valeu, inclusive, duras e amargas críticas. À frente do jornal, foi responsável pelo “saneamento” do mesmo – como então se dizia –, isto é, demitiu muita gente, reorganizando o pessoal do jornal supostamente por razões ideológicas. Este episódio assombra, ainda hoje, a imagem de Saramago.

A sua trajetória polêmica, de comunista libertário e, por vezes, áspero, avivou e perturbou a recepção da sua literatura. A confluência de sentimentos, de rancores e de amores, foi uma consequência infalível. Não era possível permanecer indiferente a Saramago, a um intelectual que expressava sua opinião livremente, um intelectual constituído pelo hábito do debate público, desde os tempos da militância política e do jornalismo. O literato surge como personagem público, como cidadão interveniente. Mesmo quando não convocado para expressar sua opinião, Saramago intervinha, afirmava aquilo em que acreditava. Com ou sem razão, chamava a atenção para o que considerava vil ou injusto. Era bem um intelectual sartreano, que se manifestava à revelia do pudor ou de preocupações com sua própria imagem perante a mídia e a opinião pública. Não há, portanto, nenhuma assimetria entre o Saramago militante político, o jornalista e o romancista. São todas manifestações da vocação do intelectual para discutir e problematizar aquilo que o senso comum e o discurso técnico tomam por dado ou evidente. O intelectual é aquele que sente a aspereza sob as superfícies lisas e que não é posto a ferros por preconceitos. Sua franqueza não seria nada sem certa delicadeza do sentimento, para lembrarmos Hume.

A obra

Não é possível, no entanto, passar ao largo da carga crítica encerrada na obra de Saramago. Em livros como *Levantado do Chão* (1980) e, mais notavelmente, em *Memorial do Convento* (1982), Saramago ensaia, ao modo de Walter Benjamin, a invenção de uma outra escrita da história. Não se trata mais daquela história oficial, a história dos vencedores, mas da celebração dos anônimos, da tradição subterrânea dos vencidos. Buscam-se as dissonâncias inaudíveis sob as harmonias retumbantes através de textos que exploram a oralidade da escrita. A tão criticada escrita de Saramago, pouco convencional, carente de pontuação e frequentemente ambígua, reforça o

aspecto oral e, portanto, social da linguagem. Estas peculiaridades formais permitem que seus textos sejam uma revisão daquilo que a História oficial monumentalizou, como escreveu Antônio Guerreiro ao Expresso.

Com *A Jangada de Pedra* (1986), Saramago faz sua primeira investida pública no tema do iberismo e critica a confluência de Portugal e Espanha com relação à Europa. O romance conta a história da separação cataclísmica da península ibérica do resto do continente europeu. Lançada ao mar, a península viria a estabelecer uma ligação entre a África e a América Latina, realizando, graças à catástrofe sísmica, a sua vocação histórica. *A Jangada de Pedra* representa uma fabulação sobre os caminhos e descaminhos da civilização ibérica. Questiona, portanto, o discurso hegemônico envolvido na justificação do ingresso de Portugal e Espanha na Comunidade Econômica Européia (CEE), ocorrido em 1986. Em 2002, o livro recebeu uma adaptação cinematográfica, dirigida pelo holandês George Sluizer. Foi a primeira adaptação da obra de Saramago para o cinema.

Mas foram as investidas (anti)teológicas que mais suscitaram alvoroço. O debate entre Saramago e a Igreja foi desencadeado por *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) e inflamado por declarações públicas do autor. Emerge desta obra a imagem de um Cristo humanizado, que acusa o Deus dos cristãos de todas as guerras de religião que ocorrerão. Em *Caim* (2009), seu último livro, Saramago volta-se para o Antigo Testamento e mais uma vez trata de profanar o sagrado. É digno de nota o grande interesse que Saramago revelava pelos textos bíblicos. Todavia, o estilo cáustico e sardônico destes textos contribuiu enormemente para que fossem considerados libelos anticristãos, acendendo a polêmica em torno do autor e ampliando o número de desafetos. *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), por sua vez, inaugura uma fase universalista da obra de Saramago. Já instalado em Lanzarote, Saramago concebe uma situação anônima, sem nenhuma referência cronológica ou geográfica que permita identificá-la. Seu objeto é a própria condição humana, uma análise do caos de uma sociedade desagregada. Foi a segunda obra de Saramago a receber adaptação para o cinema, em 2008, dirigido por Fernando Meirelles.

Saramago foi um autor de notável sucesso, de público e de crítica. Sua capacidade analítica, aliada ao hábito da intervenção pública, valeu-lhe grande celebridade e animosidade. Sua obra, em larga medida admirável e seguramente única, não deixou de receber crítica pertinente, que a acusou de cair, por vezes, na tentação de ordenar a vida num sistema normativo e hierarquizado, que se avizinhava da prédica moral. Todavia, comportamentos tais como o de Cavaco Silva, apenas servem para confirmar o aspecto polêmico de Saramago e, por isso mesmo, atestam a sua condição de intelectual público.

Bernardo Biachi